

A Procissão da Guerra e a Desgraça Monotona

COM A FEB NA ITALIA. (De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea) — Agora tocamos para a frente, na manhã molhada.

Corremos pela estrada, mas o carro tem de ir lentamente.

Em sentido contrário, um pesado e lento comboio de enormes caminhões avança — e em nossa frente, na mesma direção em que vamos, se arrasta outro.

E' impossível passar. As estradas da Italia são boas, mas estreitas.

E' preciso ter paciência.

A esta hora, em milhares de outras estradas do mundo, os caminhões estão assim, em comboios, rodando para a guerra ou para a retaguarda. Temos, de repente, a consciencia de tomar parte em uma estranha e lenta procissão — os homens e maquinas rodando para a guerra.

Não são caminhões apenas: são navios, canoas, carros de boi, nuvens de aviões, bestas em desfiladeiros, trens elétricos zunindo, trens a vapor fumegando, tanques, trenós, cavalos, homens a pé no Alaska, na Birmania, em Três Corações do Rio Verde, neste chão, nos lagos e matos e montes e mares de todo o mundo que produz e vive para a guerra ou em função da guerra.

A mesma guerra que nos prendia na fila de onibus da Esplanada do Castelo nos acorrenta a esses comboios de motores roucos, a essa procissão de toldos tremulos e pneus sujos e gordos.

E' a procissão da guerra.

Tu segues com uma caneta tinteiro e um pedaço de chocolate no bolso. Aquele leva caixas de comida, o outro caixas de munição; e padiolas e motores, óculos para ver o inimigo, armas para matá-lo, botinas, braços e pernas, baionetas, mapas, cérebros, cartas de mulheres distantes saudosas ou não, com retratos de crianças, capotes — uma guerra se faz com tudo, exige tudo, engole tudo.

De todas as parte do mundo confluem por inumeráveis caminhos, material humano, para essas filas de caminhões, essas filas que doam a

alguns quilômetros se desfazão dissimulando-se e distribuindo-se ao longo da frente.

Entramos em uma cidade, e durante vinte minutos avançamos por ruas onde não há uma só casa em pé.

Da primeira vez confrangem essas ruas de casas estripadas que mostram as visceras de suas paredes intimas, num despudor de ruina completa.

Parecem mulheres de ventres rasgados.

Nesses montes de escombros estão soterrados os renos intimos, as antigas ternuras, as inuteis e longas discussões domesticas — e ás vezes, num pedaço de parede que se equilibra entre ruínas, aparece, num ridiculo macabro, a legenda de alguma fanfarronada fascista: "Vencere!" O marmore é barato, em toda parte topamos gravadas em marmore frases insolentes de Mussolini.

Essa pobre Italia está pagando bem caro os crimes de seu palhaço sangrento — e os cartazes meio rasgados nas paredes negras ainda ameaçam com a morte todos os que não pensam como o Chefe.

Avançamos entre os montões de tijolos, pó e traves quebradas.

Agora isso já não interessa aos nossos olhos: essa desgraça é monótona. Entretanto nessa cidade devastada pela maldição da guerra, onde nem os ratos se arriscam mais, há alguma coisa que ainda chama a atenção e comove.

E' um arbusto que tomou entre os escombros — mas em meio á montoeira do entulho ainda tenta sobreviver, e permanece verde sugando por escassos canais, debaixo da terra calcinada, alguma seiva rara.

E essa pequena arvore que se recusa socorrer, essa pequena arvore patética, é a unica nota de humanidade quarteirão arrasado.

Prossegue a nossa procissão, entre plantações de tomate e oliveiras de verde tênue.

Afinal o "jepp" se liberta, e corre entre as campinas e os bosques de pinheiros e castanheiras.